

 **TERRITÓRIOS**
afrofuturistas
Novas narrativas para o sertão

CIDADE VOADORA

Yan Victor

realização

 **RESSONÂNCIA
PRETA**

apoio

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.

LEI
ALDIR
BLANC
CEARÁ



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO

 **PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL

Ilustrações: Anabel Lessa

EQUIPE:

Organização: Kinaya Black

Coordenação: Alan Avelino e Milena Sousa

Revisão do texto: Samuel Maciel

Ilustração: Anabel Lessa

Capa: Jason Felipe

A CIDADE VOADORA

Yan Victor

A cidade voadora era um sonho tecnológico de Ivo, mal sabia ele que ela não passaria disso.

O sol nasce cedo no verão, Ivo acorda junto com ele e prepara um café bem forte. É um grande dia. A cidade voadora está finalmente pronta. Ivo toma um banho demorado, coloca a melhor roupa do guarda-roupa, penteia seu cabelo com o garfo preferido, relê o discurso que passou meses escrevendo. Enquanto espera ansiosamente sua limousine, observa carinhosamente seu lindo relógio de ouro na estante. Ivo entra no carro, dá um bom dia e pega o jornal. A manchete que estampa a capa deixa-o curioso e o faz sorrir. "A cidade voadora: um sonho ambicioso ou impossível?", continua lendo.

"A cidade voadora é esse projeto ambicioso de uma cidade onde ninguém morrerá de fome ou de sede, todas as diferenças poderão ser aceitas e a palavra vai poder se impor à violência ou pelo menos é isso que pensa seu criador. Depois de 5 anos sendo construída está finalmente pronta. É uma réplica da cidade de Sobral, cheia de praças e árvores, com uma tecnologia de ponta, sendo referência para todo o Brasil na manutenção da vida. Tem diversas fontes de água potável espalhadas e uma gigantesca horta com comida suficiente para todos os moradores durante todo o ano. Todos os problemas de um sertão seco e miserável foram solucionados em uma única cidade, que foi construída cerca de 10 quilômetros da costa cearense, no meio do oceano atlântico. Isolada, autossuficiente, independente, promete ser o caminho do futuro já que as expedições espaciais estão cada vez mais infrutíferas. As pessoas que irão morar na cidade serão todas aquelas que ajudaram a construí-la. No entanto, foi preciso também vender algumas vagas para bilionários ao redor do mundo, para arrecadar capital suficiente para cobrir todos os custos."

O carro começa a diminuir a velocidade. Ivo, preocupado, desgruda os olhos do tablet e observa os obstáculos de sujeira à frente, percebe que as montanhas de lixo estão cada vez maiores e podem ser vistas a quilômetros.

- Tem que se ter cuidado, além do risco de intoxicação alimentar podemos ser soterrados por eles, comenta Ivo com o motorista.

Achando que estaria atrasado, olha para o seu braço em busca do relógio, porém, quando o encontra vazio, estala a língua e dá um grande suspiro.

- Algo errado, meu senhor? Pergunta o motorista.

- Nada errado – mente Ivo para o homem e para si mesmo – São que horas agora?

- Ainda temos tempo, não se preocupe.

No caminho pôde rever tudo aquilo que ele mais odeia; a miséria humana. Apesar disso, sentiu o gosto da vitória. A melhor vingança não poderia ser outra que a excelência e a dignidade dos seus. Desde criança, Ivo se incomodava com as injustiças do mundo, nunca fez sentido pra ele uma pessoa sentir fome, sede, não ter casa, não ser amada. Tinha o sonho de salvar a humanidade dela mesma. Chegar a uma paz absoluta que ninguém nunca mais passasse por nenhuma dificuldade. O que muitos não sabiam era que a cidade voadora era um sonho compartilhado.

Adriano, mesmo com um pé atrás, foi o único que apoiou Ivo em seu sonho delirante. Conheceram-se em um lindo dia de domingo ensolarado, que por coincidência do destino estavam eles no mesmo local, no dia certo, na hora exata. Passavam horas juntos todos os dias. Sempre da mesma forma. Um de frente para o outro, longos olhares fixos, movimentos rápidos, pitadas de tensão e nervosismo pairando no ar. O encurralar era regra do jogo íntimo. Iam sempre até o fim.

- Tu acredita que é possível mesmo? Uma cidade sem miséria, sem violência? Perguntou Adriano com seus olhos questionadores.

- Não sei... sou ingênuo por ter esperança? Só quero poder sonhar com um lugar seguro, sem achar que a vida, a minha vida e as dos que andam comigo estão sempre em xeque.

- Pelo menos não chegamos no mate - respondeu Adriano com uma gargalhada.

De volta de seus devaneios e cansado de esperar, Ivo pede para ligar a rádio. Anunciam com uma voz empolgada:

- *A cidade voadora surge no melhor momento possível, o ano 3000 atesta o pior*

da humanidade, o que você espera do futuro da cidade, Adriano? Pergunta a radialista.

- Olha, o planeta Terra enfrenta graves problemas ambientais que têm consequências desiguais nas diferentes vidas, todas as tentativas de redução da produção de lixo no mundo foram falhas, milhares de mortes por intoxicação de microplásticos, a comida descontaminada ficando cada vez mais escassa, secas violentas durante todo o ano. Um caos instaurado na luta básica pela sobrevivência. E vocês sabem quem morre mais! O que espero é uma cidade totalmente diferente do que vivemos hoje, não dá mais pra continuar assim, responde Adriano.

Mas não foi diferente na cidade voadora, Adriano, por acaso ela não foi construída com muito sangue? Sangue de desespero. Sangue dado por uma terra prometida que nunca poderá ser usufruída por essa gente. Custou 5498 vidas e essa dívida foi paga com apenas uma singela homenagem; uma área reservada no museu da cidade para todas as vítimas dessa construção. Cidade voadora ou cidade destruidora, Adriano?" Desligam a rádio. De repente Ivo começa a ouvir vozes de um passado não tão distante.

- Você estava errado! Esse seu sonho impossível só gerou mais mortes! Gritou Adriano raivoso.

- Como eu poderia prever tudo isso? As pessoas morrem, Adriano! É um trabalho de alto risco, com uma tecnologia nova. Acidentes acontecem, só não quero manchar todo nosso sonho por causa de algumas vítimas.

- Vítimas? Foram essas pessoas que construíram o seu sonho, você deve sua vida a elas! O mínimo que você pode fazer é lembrá-las para sempre!

As diferenças entre eles no começo não eram óbvias, Adriano sempre foi inseguro com a ideia. Passou a vida toda tentando se esconder, sonhava com um lugar tranquilo ao sol, em uma praia, na qual pudesse ser ele mesmo, viver sem ser julgado, ao mesmo tempo achava impossível um lugar assim, calmo, tranquilo, sem ter que afirmar ou defender sua existência. Quando conheceu Ivo sentiu o prazer de imaginar tal local.

O carro estacionou, mas Ivo só percebeu que haviam chegado quando a porta foi aberta deixando uma brisa fria adentrar ao veículo. Levando uma mescla de sentimentos aprisionados dentro do peito, pôs o pé no chão e ergueu admirando sua própria criação. No mesmo instante o ar se encheu de gritos e palmas. Com um sorriso, ele cumprimenta os presentes, enquanto acena. O motorista o conduz, retirando-o dali e o fazendo adentrar ao elevador que o carregaria à cidade voadora.

Olhou mais uma vez para o espaço vazio onde deveria estar o relógio.

- Isso é o que eu acho que é? Um antigo Ivo perguntava a um Adriano mais jovem e menos sombrio.

- O famoso relógio de meu pai? Sim, é...

- Mas... - ele chorava - não... não precisava...

Adriano o abraçou.

- Eu sei como é importante pra você, meu amor...

- Você é importante pra mim e sempre vai ser...

- Então imagine o relógio como uma parte de mim...

Um bipe o tirou do passado e lhe transportou de volta para a cidade dos sonhos. O motorista o empurrou, fazendo ele sair do elevador e invadir a plataforma metálica repleta de gente. Ali, empresários, políticos, influencers e artistas o encararam com ansiedade.

- Chegou o Patrão! Ouviu um gracejo vindo da multidão.

Ivo encara os presentes na busca por apenas um olhar, o único que importa. Quando encontra, não é o que esperava.

"Então está sem o relógio..." Era o que aquela mirada significava.

"Eu esqueci... estava apressado." Tentou responder de volta, mas nunca saberia se tinha sido entendido.

Sem muito controle sobre suas pernas foi levado até um palco improvisado e ao subir, lhe entregaram um microfone. Era o momento. Depois de tanto sacrifício aquele era o momento.

- Sr. Ivo... Queríamos que falasse algumas palavras... Uma mulher, que ele não pôde identificar, pedia.

- Eu... - Adriano continuava lhe encarando como se o julgasse entre os presentes. Hoje... hoje é o melhor dia da minha vida e um grande dia para a humanidade. Finalmente... todos os sonhos de justiça e igualdade serão garantidos. Sim! Teremos comida e amor. - Suas mãos suavam e tremiam, mas prosseguiu - Não tem vez para a violência e nenhum tipo de discriminação. Não aqui! Nossa cidade contará com o estudo e ensinamento para uma liberdade genuína. Não queremos mais mortes! Chega de miséria!

Gritos de clamor concordavam com suas palavras

- ... Sei que esse sonho não é possível para todos, - continuou olhando para além daquela plataforma e vendo as pessoas emocionadas que os observavam lá de baixo - mas quem sabe um dia isso aqui não vire o futuro. Ainda há tempo de pensar nossas práticas no dia a dia, ainda há tempo de reverter o caos. Esse pingo de esperança começa aqui... hoje! Somos testemunhas da luta por um mundo melhor...

Um zumbido arde em seu ouvido, algo está errado... muito errado. O céu parece escurecer, sem que soubesse o motivo. Mas logo o motivo fica claro, lá no horizonte. Horrorizado, ele deixa cair o microfone e aponta para frente, sem ter como expressar o medo em palavras. A plateia acompanha seu dedo e quando percebem o que está por vir, o caos começa.

Gritos. Empurrões. Um chão duro abaixo de si e depois pés pesados sobre ele. Dor. Cheiro de sangue. Choro. É o choro dele?

Ivo, de olhos fechados, envolve a cabeça com os braços e sente um mar de gente passar sobre ele, enquanto tentam salvar a própria vida. Aquilo parecia não ter fim. Com quantas pisadas se faz uma morte?

De repente, mãos firmes surgem e agarram seus braços. Sem entender como, é erguido. Olhos de pranto o encaram. Uma mão quente e suada se gruda na dele. Suas pernas falham, mas correm. Ele o abraça desajeitadamente e confessa algo em seu ouvido. Eles correm, todos correm. Um tsunami de pessoas tenta fugir do verdadeiro tsunami que se ergue repleto de água, de lixo e de animais marinhos mortos.

Não há mais tempo. Mortos. Está morto. O sonho está morto, assim como Ivo, assim como Adriano.

A cidade que voava, agora jaz aos pedaços e ninguém sabe distinguir o que é lixo, o que é cidade, o que é gente.